



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - AMÉRICA LATINA

**AS CATARATAS DO IGUAÇU ENTRE RELATOS E IMAGENS
(BRASIL E ARGENTINA, 1900-1910).**

REJANE ANAHI CAMILO RUIZ

Foz do Iguaçu

2017



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - AMÉRICA LATINA

AS CATARATAS DO IGUAÇU ENTRE RELATOS E IMAGENS (BRASIL E ARGENTINA, 1890-1910).

REJANE ANAHI CAMILO RUIZ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em História – América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Cezar Karpinski.

Foz do Iguaçu

2017

REJANE ANAHI CAMILO RUIZ

**AS CATARATAS DO IGUAÇU ENTRE RELATOS E IMAGENS (BRASIL E
ARGENTINA, 1890-1910).**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em História – América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cezar Karpinski (Orientador)
UNILA

Prof^a. Dr^a. Rosângela de Jesus Silva
UNILA

Prof. Dr. Héryan Venegas Marcelo
UNILA

Foz do Iguaçu, 06 de julho de 2017.

*À Deus e a minha família com todo
o amor do mundo.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que me deu forças e me capacitou para concluir esta etapa em minha vida.

A minha mãe Conceição, meu pai Félix e minha irmã Roberta, pelo apoio e compreensão nos momentos de desânimo e stress.

*Agradeço ao meu querido orientador Cezar, por ter acreditado em mim.
Obrigada por sua amizade, paciência, generosidade e por ter sido uma
inspiração intelectual.*

A Unila pelo apoio financeiro, e ao corpo docente de historiadores que me proporcionaram conhecimento, me ensinando a examinar o mundo fugindo do senso comum.

Aos meus colegas de turma, Patrice, Samuel, Paulo e a todos os outros que nos momentos em que pensei desistir me apoiaram a ir adiante.

A Paulo Rigotti e Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, por conceder o uso dos cartões-postais para esta pesquisa.

A Cari Caetano de Souza (In memoriam) por ter me apresentado por primeira vez à maravilhosa paisagem das Cataratas.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

Madre Teresa de Calcutá

CAMILO RUIZ, Rejane Anahi. **As Cataratas do Iguçu entre relatos e imagens (Brasil e Argentina, 1890-1910)**. 2017. 47 páginas. Trabalho de Conclusão do curso de História – América Latina – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguçu, 2017.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso em História tem como tema as Cataratas do Iguçu na perspectiva historiográfica da História da Paisagem. A análise histórica se deu a partir de fontes escritas e imagéticas, especificamente relatos de viagens e cartões-postais que, em fins do século XIX e início do XX, descreveram e divulgaram a paisagem e a região. O principal objetivo deste estudo foi o de analisar como se deu a transição da narrativa escrita para a visual na construção da Paisagem “Cataratas do Iguçu” no período de 1890 a 1910. Primeiramente fez-se uma busca por cartões-postais e, depois de encontrados, escolheu-se três relatos de viagem da mesma época que possibilitassem o diálogo entre as fontes. Também fez parte da metodologia analisar as fontes escritas e imagéticas a partir de obras de autores que trabalham a questão da Paisagem e da Imagem na historiografia.

Palavras Chave: História da Paisagem, Relatos de Viagens, Cartões-postais, Rio Iguçu.

CAMILO RUIZ, Rejane Anahi. **As Cataratas do Iguacu entre relatos e imagens (Brasil e Argentina, 1890-1910)**. 2017. 47 páginas. Trabalho de Conclusão do curso de História – América Latina – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguacu, 2017.

ABSTRACT

The present work of conclusion of course in History has as its theme the Iguassu Falls in the historiographic perspective of Landscape History. The historical analysis was based on written and imagined sources, specifically travel reports and postcards that, in the late 19th and early 20th centuries, described and disseminated the landscape and the region. The main objective of this study was to analyze how the transition from the written narrative to the visual in the construction of the Landscape "Iguacu Falls" occurred in the period from 1890 to 1910. First, a search was made for postcards and, after encountered, three travel reports from the same period, were chosen to enable dialogue between sources. It was also part of the methodology to analyze the written and imagistic sources from the works of authors working on Landscape and Image in historiography.

Key Words: *History of Landscape, Travel Reports, Postal Cards, Iguazú River.*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. Vista Panorâmica das Cataratas do Iguaçú FONTE: UNESCO [s/data].....	2
FIGURA 2. Feliz Año Nuevo: República Argentina: Catarata del Iguazú	14
FIGURA 3. Feliz Año Nuevo: República Argentina	14
FIGURA 4. Cataratas del Iguazú – Territorio Misiones FONTE: Editores Pita & Catalano [1909]	15
FIGURA 5. Salto del Iguasú – Territorio Misiones, Rep. Argentina FONTE: Autoria desconhecida [1909].....	17
FIGURA 6. Gran Salto del Iguazú FONTE: Editor R. Rosauer [1903].....	20
FIGURA 7. Cataratas del Iguazú – Territorio Misiones FONTE: Editores Pita & Catalano [1906]	23
FIGURA 8. Gran Salto del Iguazú –Misiones FONTE: Autoria desconhecida [1906]	24
FIGURA 9. Cataratas del Iguasú – Territorio Misiones FONTE: Autoria desconhecida [1906]	25
FIGURA 10. El Salto “La Garganta del Diablo” FONTE: Autoria desconhecida [190?]	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – NATUREZA BRASÍLICA E NARRATIVAS DE VIAGENS DO SÉCULO XIX	8
CAPÍTULO 2 – O SUBLIME E AS CATARATAS DO IGUAÇU EM RELATOS E IMAGENS	12
CAPÍTULO 3 – CATARATAS DO IGUAÇU COMO “O PARAÍSO DO ASSOMBRO”	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE A	34

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso em História tem como tema as Cataratas do Iguaçu na perspectiva historiográfica da História da Paisagem. De acordo com Silva (1997), pode-se dizer que a história da paisagem é um campo de pesquisa histórica tão antigo quanto a história social ou demográfica. No entanto, por ser um campo interdisciplinar e ter várias conexões, é um objeto que sempre exigiu trabalhos de fôlego, pois perpassa áreas da geografia humana ou histórica, história agrária, história da arte e das imagens.

Ao escolher a paisagem das Cataratas do Iguaçu como objeto histórico, temos a consciência do desafio e complexidade para sua abordagem, especialmente pela densidade teórica que a categoria carrega. No entanto, desde já queremos deixar claro que este trabalho, em detrimento das discussões teóricas, é um exercício de diálogo com as fontes. Ao fazer essa opção, estamos nos propondo a pensar a construção da paisagem a partir das descrições e representações do lugar presentes nos relatos de viagem e cartões-postais.

As pesquisas sobre a história da paisagem das cataratas do Iguaçu foram iniciadas por Karpinski (2011) que, ao escrever sobre os discursos e representações sobre o rio Iguaçu no período de 1853 a 1969, inseriu as primeiras impressões sobre este objeto de estudo. Uma das principais contribuições deste autor foi a de discutir o conflito entre Brasil e Argentina na definição dos limites internacionais nas Cataratas do Iguaçu enfatizando os discursos que visavam o domínio da paisagem.

Particularmente, o interesse em estudar este tema iniciou-se durante a pesquisa de iniciação científica *Levantamento de fontes históricas sobre o Parque Nacional e Cataratas do Iguaçu (Brasil e Argentina, 1860-1914)* sob a coordenação do próprio professor Karpinski em 2013. Naquele momento o objetivo foi historiar as Cataratas do Iguaçu por meio de relatos de viajantes e cartões-postais. Estas crônicas e imagens divulgadas pelo os viajantes proporcionaram inúmeras informações acerca da natureza, no desejo de ocupar, povoar e definir este território.

Ficou claro na época que tanto os relatos dos viajantes quanto as imagens constituíam fontes extremamente relevantes para a análise do historiador e para a escrita da História. Além disso, por meio de leituras bibliográficas sobre o tema, com ênfase

em referenciais teóricos sobre História e Paisagem e sobre as interconexões entre História e Imagem, destacaram-se a perspectiva de Schama (1996) e Williams (1989), onde foi possível perceber que a paisagem é, em suma, o resultado de uma construção cultural que lhe atribui significados, representações e interesses sociais e políticos.

A pesquisa de iniciação científica foi a motivadora do desejo de continuar os estudos nesta área. Contudo, a principal diferença neste momento é o enfoque à mudança ocorrida na forma de descrever a paisagem. Se até o final do Século XIX a construção da paisagem se dava a partir das narrativas escritas, o início do Século XX foi marcado pela presença das imagens portáteis, especialmente os cartões-postais. Com isto, definimos o problema desta pesquisa com a seguinte pergunta: Como ocorreu a transição entre o relato escrito das narrativas de viagem e a emergência do discurso visual dos cartões-postais das cataratas do Iguazu entre os anos de 1880 e 1910?

Dos objetivos específicos procuramos buscar cartões-postais publicados ou circulados entre 1890 e 1910 com o objetivo de confeccionar um catálogo que facilite as análises da pesquisa. Selecionamos três relatos de viagem cujo conteúdo fosse possível relacionar com as imagens dos cartões-postais e pesquisamos na historiografia discussões sobre imagem e paisagem relacionadas a relatos de viagem e cartões-postais.

A fim de refletirmos teoricamente sobre os relatos dos viajantes, procuramos levantar bibliografias que debatem acerca da História da Paisagem, História e Memória e Paisagem e Memória, buscando em uma nova visão compreender que a natureza não é um dado externo ou imóvel, mas o produto de uma prolongada atividade humana, integrando neste processo de percepção a dicotomia homem/natureza num quadro de referência histórico mais vasto.

Nesse sentido, conforme a perspectiva de Schama (1996) e Williams (1989) entendemos que a Paisagem é, em suma, o resultado de uma construção cultural que lhe atribui significados, representações e interesses sociais e políticos. Sobre a Paisagem, Silva (2007) também sublinha que para o historiador é essencial percebê-la além da visão funcionalista do progresso, buscando compreender suas contradições, efeitos aleatórios de alterações técnicas e seus reflexos. (SILVA, 2007, p.313).

A natureza e seus múltiplos sinônimos (meio ambiente, ecologia, território e paisagem) como objeto de pesquisa tem sido um tema recorrente na historiografia. Como exemplo, citamos os estudos atuais da “História Ambiental” que vem preconizando novas perspectivas além da “dimensão simbólica de apropriação da

natureza e dimensão material”, apresentando a indissociabilidade entre relações sociais e relações com a natureza (KLANOVICZ; ARRUDA; CARVALHO, 2012, p.13).

Especificamente sobre as cataratas do Iguçu, têm-se os trabalhos de Karpinski (2011), Karpinski e Espinosa (2016) e Karpinski e Matiauda Galli (2017), que discutem os conflitos entre Brasil e Argentina pelo domínio da paisagem. Além disso, vêm preconizando estudos relacionados à “paisagem” e “fronteira” em documentos do final do século XIX que versam sobre as Cataratas do Iguçu.

Nesse sentido, se insere este trabalho, como um aprofundamento temático com as fontes propostas, através de relatos e cartões-postais onde buscamos aprofundar questões de paisagem e fronteira, entendendo que estes estavam imbuídos de significações e discursos, que nos auxiliam a assimilar como esta questão é discutida atualmente.

As fontes dessa pesquisa monográfica são três relatos de viajantes que passaram por esta região no final do séc. XIX e início do XX. São eles: José Cândido Muricy e sua obra intitulada *Ligeira Descrição de uma Viagem Feita de Guarapuava À Colonia da Foz do Iguassú em Novembro de 1892*, Florencio de Basaldúa com a obra *Presente, pasado y porvenir del Territorio de Misiones* (1901), e a obra *Pela Fronteira* (1903) do militar Domingos Virgilio do Nascimento. Buscando dialogar com estes relatos de viajantes apresentaremos também alguns cartões-postais que divulgaram as Cataratas do Iguçu no Brasil e na Argentina no período proposto e discutir acerca da transição do discurso escrito para o imagético.

Para trabalhar com estas fontes escritas e imagéticas, foi de grande importância metodológica Naxara (2004) pela aproximação, proximidade da temática e pela temporalidade das minhas fontes.

Sobre as cataratas do Iguçu, além da tese de doutorado do Prof. Dr. Cezar Karpinski, desenvolvemos uma parceria desde junho de 2013, com o Senhor Paulo Rigotti, produtor cultural da Fundação Cultural de Foz do Iguçu, que forneceu para nossa pesquisa diversas fontes imagéticas relacionadas às cataratas, entre elas alguns cartões-postais.

Para reflexões acerca das fontes imagéticas, usamos bibliografias como a de Burke em *Testemunha Ocular: História e imagem* (2004) que enfatiza o cuidado que devemos ter ao analisar a imagem como evidência histórica, alçando estas não foram produzidas com este propósito específico, mas para cumprir distintas funções

“religiosas, estéticas, políticas e assim por diante”, cumprindo assim seu papel na “construção cultural” da sociedade. “As imagens são muitas vezes ambíguas e polissêmicas”. Apresentam diferentes perspectivas dependendo de quem a analisa. O uso da imagem, segundo Burke, deve ser colocado em uma “série de contextos no plural (cultural, político, material e assim por diante)”, onde o historiador necessita “ler nas entrelinhas”. (BURKE, 2004, p. 234-235).

Mauad (1996) enfatiza que as fontes escritas já não eram suficientes para o desenvolvimento da historiografia. Para uma maior abordagem e aproximação histórica da vida privada e do cotidiano:

Exigiu-se do historiador que ele fosse também antropólogo, sociólogo e um excelente detetive, para aprender a relativizar, desvendar redes sociais, compreender linguagens, decodificar sistemas de signos e decifrar vestígios, sem perder, jamais, a visão do conjunto. (MAUAD, 1996, p.79).

Para analisar uma imagem é necessário compreendermos que esta está imbuída de significações culturais e históricas e sua abordagem deve ser transdisciplinar, associadas à História, Antropologia e a Sociologia. Entendendo que o observador, leitor também é responsável pela percepção e construção de significados da imagem. (MAUAD, 1996, p.81).

A autora expõe como analisar as imagens, através de uma metodologia histórico-semiótica, apropriando o “estudo do mito e o trabalho linguístico em uma abordagem filosófica e avaliação estética” que discuta o tipo de mensagem que as iconografias transmitem:

(...) Enquadramento, iluminação, definição de imagem, contraste, cor etc.
(...) pessoas, objetos, lugares e vivências que compõem a fotografia.
Ambos os segmentos se correspondem no processo contínuo de produção de sentido na fotografia, sendo possível separá-los para fins de análise, mas compreendê-los somente como um todo integrado. (MAUAD, 1996, p.83).

Especificamente para os cartões-postais buscamos desenvolver uma reflexão crítica através de referenciais teóricos que abordam ambos como fontes e objetos importantes de estudo sobre o passado. Compreendemos que as imagens do período estavam imbuídas de significações sociais e que os cartões-postais faziam parte de um discurso amplo, de aspirações e interesses, que tinha como intuito maior atrair o turismo

para a região. Entendemos ser fundamental para a análise do historiador, inserir as fontes imagéticas das cataratas em um panorama cultural sujeito à sua temporalidade, já, de acordo com Daltozo (2006), que o período proposto da pesquisa (1890-1910) se insere na idade de ouro da cartofilia no Brasil.

Já Masotta (2007) destaca como os cartões-postais no séc. XIX e XX fizeram com que a Argentina fosse objeto de olhar público em uma magnitude nunca antes igualada. Os cartões-postais com reproduções fotográficas de paisagens foram um capítulo de relevância no processo de encantamento e registro do país.

De acordo Schapochnik (2006), compreendemos que as imagens postais permitiram uma viagem virtual, transferindo o sentido do “eu li” para “eu vi”.

Permitindo uma maior apropriação da paisagem e fortalecimento de vivência. O sujeito em posse do cartão poderia desbravar novos mundos antes desconhecidos.

Estas bibliografias tornaram possível a análise, permitindo-nos trabalhar com as fontes escritas e imagéticas e a transição destas no recorte temporal selecionado. Por fim, salientemos que todas as citações realizadas dos viajantes nos relatos são reproduzidas tal como na fonte original, preservando a antiga grafia da língua portuguesa ou espanhola usada no período, assim como seus grifos.

BREVE APRESENTAÇÃO DAS CATARATAS DO IGUAÇU



FIGURA 1. Vista Panorâmica das Cataratas do Iguazu
FONTE: UNESCO [s/data]

Conforme Basaldúa (1901, p.141), a palavra que se definiu como Iguazú, bem como suas decorrentes ortográficas Iguassú e Iguazu, advém de uma série de representações sonoras da língua guarani. Segundo ele, expressa as seguintes ideias de *úgau*, que significa “catarata” e *guazu* que significa “grande”, de maneira que *Úgau-guazú*, contraído pelo uso *Ú-guazú*, significa “grande catarata”. Desta maneira, se o idioma guarani fosse conservado a forma correta da escrita do nome seria *Ú-guazú* (água grande/Rio Grande), fazendo com que o nome dado ao rio também expressasse “exatamente el admirable cuadro que los indígenas contemplaron, nombrándolo com las vocês que lo describen graficamente en su idioma guaraní”. (BASALDÚA, 1901, p.141).

As quedas de água representadas em parte pela Figura 01 são formadas pelas quedas do Rio Iguazu na divisa do Brasil com a Argentina, municípios de Foz do Iguazu/PR/Brasil e Puerto Iguazu/Misiones/Argentina. De acordo com Maak (2002), as cataratas do Rio Iguazu são consideradas mundialmente como um dos mais belos e famosos saltos formados por um rio. São constituídas por 272 quedas distribuídas numa largura total de 1.700 metros (800 metros no território brasileiro e 1.900 metros no lado

argentino) contendo em suas margens a mata pluvial-subtropical. Segundo o mesmo autor, a altura das quedas chega a 82,5 metros e o número de saltos pode diminuir a 100 dependendo da vazão do rio Iguaçu, que tem maior volume de água entre os meses de outubro e março.

Estão inseridas no Parque Nacional do Iguaçu, cujo processo histórico de formação, segundo Karpinski (2011) data de 1887. No entanto, só em 1916 o plano de constituição do parque ganha evidência com a visita de Alberto Santos Dumont, que se comprometeu a reivindicar a desapropriação da área. Segundo Corrêa e Aldé (2014), passados três meses de sua visita, aprovou-se o Decreto nº 653 de 28 de julho de 1916, declarando utilidade pública uma área de 1.008 hectares. Em 10 de janeiro de 1939, no governo de Getúlio Vargas, criou-se o Parque Nacional do Iguaçu através do Decreto nº 1.35. Desde o decreto, o parque passou a ocupar 185 mil hectares no território brasileiro. Dirigido pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o Parque Nacional do Iguaçu integra o mais importante contínuo biológico do Centro-Sul da América do Sul.

Por sua característica ecológica e paisagística, em 1986, a unidade de conservação foi incluída pela UNESCO na Lista de Patrimônio Mundial. (UNESCO, 1986). Em 11 de novembro de 2011, através de um concurso internacional promovido pela Fundação New Seven Wonders, as Cataratas do Iguaçu conquistou o título de uma das Sete Novas Maravilhas da Natureza. (NEW 7 Wonders of Nature, s/d).

De acordo com o Ministério de Turismo do Brasil, o Parque Nacional do Iguaçu é o segundo parque brasileiro que mais recebe turistas. Em 2015 registrou-se cerca de 1,5 milhão de visitantes, de acordo com dado da administradora do local, empresa Cataratas S/A. (BRASIL, 2015)

Por conta do Parque e das Cataratas do Iguaçu, a cidade de Foz do Iguaçu tem grande parte de sua organização econômica e social voltada ao Turismo. Apesar de um esforço político para a constituição de outros atrativos, como parques temáticos e turismo de compras, o mais importante e que possui maior número de visitas é o Parque Nacional do Iguaçu. De acordo com Nodari (2007), o turismo tem crescido na cidade nos últimos anos, tanto de turistas brasileiros quanto de estrangeiros o que contribui para o crescimento da economia do município, geração de empregos e impostos.

NATUREZA BRASÍLICA E NARRATIVAS DE VIAGEM DO SÉCULO XIX

No século XIX o conhecimento de várias regiões do Brasil, de sua natureza e suas gentes foi possibilitado através de relatos de viajantes estrangeiros e brasileiros que caracterizaram a exuberância e a riqueza das paisagens brasileiras. Como o viajante de origem portuguesa, Oscár Leal e sua visita à Goiás no final do século XIX, intitulado *Viagem às Terras Goyanas – Brazil Central* que descreve na introdução de seu relato o intuito de tornar conhecida aquela região de riquezas naturais e clima ameno, possuidora do famoso planalto favorável à atração de imigrantes.

Com o fim de chamar a atenção acerca da natureza goiana expõe:

Parei varias vezes para contemplar as bellezas d'aquella vasta matta virgem. Por entre as arvores, n'um emmaranhamento desordenado, agitavam-se convulsivamente os cipós entrelaçados, ora formando verdadeiras redes onde perfeitamente se poderia fazer excellente sésta, ora suspensos dos mais altos ramos e balouçando-se como cabos de um navio sujeito aos embates das ondas em pleno oceano. Milhares de borboletas de umma só côr esvoaçavam á superfície do solo lamacento, e insectos aos pares zumbiam rompendo os ares. O vento gemia refrescando as copas das arvores que o sol inundava de luz. (LEAL, 1892, p.55-56).

Protagonista em vários relatos de viajantes do século XIX, o sertão bruto brasileiro caracterizava a fronteira entre a civilização e não civilização. Segundo Naxara (2004), o contato da população com esta parte intocada do território foi habitualmente causa de assombro e de sensações ligadas ao sublime para aqueles que vivenciaram.

Richard Burton, explorador, escritor, cartógrafo e diplomata inglês em uma de suas obras intitulada *The Highlands of the Brazil vol.1* se dedicou a descrever as riquezas naturais e minerais do Brasil relatando seu percurso pelo rio São Francisco. Este rio passou a ser conhecido por Mississipi brasileiro e na segunda parte de sua excursão narra sua inspeção a escavação de ouro e diamantes em Minas Gerais. O percurso para as minas de ouro em Minas Gerais foi via Petrópolis, Barbacena e pelos planaltos brasileiros, no entanto, de acordo com a narrativa, o viajante passou por diversas localidades e cita em especial a cidade do Rio de Janeiro e sua natureza:

Existe sublimidade na névoa da manhã que se desloca distante sobre a fronte da cabeça e no alto oceano; há grandeza, beleza e esplendor no

espumante das ondas sob o sol do meio dia, quando a brisa está carregada com o perfume de mil flores; e há um inexprimível repouso e graça nas sombras de um roxo vinoso que a noite derrama. Essa suave combinação é como a fada, de singular beleza e de pele feminina, poder e majestade nascidos do tamanho e da grandeza da abrupta montanha, do pico, do precipício e da rocha, que alcançam a mente de Staffa e que proíbem qualquer suspeita de efeminação. Tais efeitos da Natureza, concomitantemente masculinos e femininos, alternadamente suaves e severos, influenciam necessariamente o caráter nacional. (BURTON, 1869, p.21, tradução livre da autora)¹

A curiosidade do estrangeiro, de compreender e explorar a natureza exótica do novo mundo surgiu desde os escritos coloniais no século XVI, daqueles que retornavam desta terra. Para Naxara (2004), escritos que alçavam o exotismo e as riquezas naturais (flora, fauna, minerais) e a descrição dos costumes da população, considerada neste então selvagem, estimulou o interesse científico destes viajantes desejosos em comparar e desbravar estas terras.

Louis Isidore Duperrey foi um navegador francês que veio explorar Santa Catarina a bordo de seu navio “La Coquille” (A Concha) em outubro de 1822. O viajante relata que quatro dias antes de sua chegada havia sido declarada a independência do Brasil e por ali se ecoava ainda o grito de Dom Pedro de Alcântara e a província de Santa Catarina havia acolhido com alegria o novo governo e a elevação de Dom Pedro. Ao relatar sobre a natureza da Baía de Santa Catarina, especificamente a ilha do Arvoredo, afirma:

Sobre os morros e os flancos das montanhas, no fundo dos vales e sobre a orla do mar, estendia-se soberba vegetação, formando o quadro mais imponente e pitoresco que pode nos oferecer a natureza em seu estado selvagem. O sassafrás ou os loreiros, os cedros, as laranjeiras, os mangues, as bananeiras, etc., resplandeciam por seu porte e sua rica folhagem; os cimos entufados das palmeiras, balançados pelo vento dos bosques que encobriam seus troncos, faziam às vezes parar nosso olhar que se repousava sempre com novo prazer, sobre estas frondes verdejantes, semeadas de qualquer maneira, no fundo azulado da abóbada celeste. (DUPERREY, 1822, p.266).

¹ Original em inglês: *There is sublimity in the morning mists rolling far away over headland brow and heaving ocean; there is grandeur, loveliness, and splendor in the sparkling of the waves under the noon-day sun, when the breeze is laden with the perfume of a thousand flowers; and there is inexpressible repose and grace in the shades of vinous purple which evening sheds over the same. Combine with this soft and fairy-like, this singular feminine beauty of complexion, a power and a majesty born of the size and the abrupt grandeur of mountain and peak, of precipice and rock, which would strike the mind of Staffa, and which forbid any suspicion of effeminacy. Such effects of Nature, at once masculine and womanly, alternately soft and stern, necessarily affect the national character.*

As narrativas dos viajantes acima introduzem o conhecimento de regiões brasileiras desconhecidas por muitos. Territórios por vezes considerados de natureza bruta e virgem foram recorrentemente descritos por estes exploradores no século XIX. A linguagem utilizada traduzia a perspectiva literária da época, o romantismo, caracterizado pelo excesso, a grandiosidade, o belo, o sublime, o exótico e o pitoresco. Em busca da descrição veraz destes lugares, somavam-se traços de imaginação, com o fim de idealizar e representar imagens do Brasil, para o brasileiro e ao estrangeiro. De acordo com Amaral (2003), as narrativas dos viajantes estrangeiros ou nativos foram importantes na constituição da percepção e concepção da paisagem brasileira. Além disso, segundo o mesmo autor, podem ser consideradas como uma forma de conhecimento de um período e não somente uma forma de revelar descobertas e particularidades de um território.

Considerados como fontes preciosas para a História, os relatos auxiliaram no conhecimento de informações que não se limitavam somente ao cotidiano dos habitantes da área em observação, mas se “estendiam às características físicas e geológicas, ao detalhamento, recolhimento e classificação da sua fauna e flora”. (AMARAL, 2003, p.159).

Por mais que os relatos apresentados neste capítulo sejam de viajantes que estiveram em outros lugares do Brasil, consideramos referências importantes para este trabalho para demonstração ou reflexão sobre a presença desta categoria de fonte, deste tipo de descrição da natureza na história do Brasil. Assim como Prado (1999), compreendemos que a natureza é um objeto neutro, mas é perscrutada pelo olhar aparentemente imparcial do artista ou cientista que está à procura da beleza genuína. “Suas representações são carregadas de idéias [sic] que produzem imagens e símbolos, contribuindo para compor o imaginário de uma sociedade”. (PRADO, 1999, p.197).

Tendo em vista estes aspectos no próximo capítulo demonstraremos como os viajantes que visitaram as Cataratas do Iguaçu no recorte temporal desta pesquisa, têm características semelhantes aos apresentados acima. Da mesma forma, usaram uma linguagem de conto e romance com o propósito de compor discursivamente este território abundante de potenciais naturais inexplorados.

CAPÍTULO 2

O SUBLIME E AS CATARATAS DO IGUAÇU EM RELATOS E IMAGENS

Na percepção de alguns cronistas do Século XIX, o esplendor e a beleza das cataratas representavam a mais “pura arte”, que deveria ser exposta ao mundo, para que o belo milagre da natureza pudesse ser compartilhado com aqueles que desconheciam esta paisagem. Em seus relatos, estes viajantes procuravam descrever as cataratas com o uso de uma narrativa que fosse capaz de transformar em palavras as sensações físicas, os sentimentos causados pelo contato tão próximo a este espetáculo imponente. De acordo com Karpinski (2011, p.233-239), não bastava a descrição das particularidades desta paisagem, tais como o volume das águas, a altura dos saltos e a quantidade destes, era necessário descrever as sensações físicas, onde podemos interpretar tal descrição de sentimentos como a principal divulgação e convite às cataratas ao turismo de elite.

Entre estes relatos de viajantes que retratam a Colônia Militar da Foz do Iguaçu (1888- 1907) está o itinerante de viagem do militar José Cândido da Silva Muricy que ocorreu nesta zona no final de 1892, ano em que ele havia sido promovido como primeiro Tenente no Paraná e designado a levar recursos e estudar neste então a precária Colônia Militar de Foz do Iguaçu. Publicada pela imprensa Paranaense em 1896, a obra intitulada *A' Foz do Iguassú: Ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuava á Colonia da Foz do Iguaçu em Novembro de 1892*, traz notas e impressões sobre este percurso caracterizado pelo autor como extenso e fastidioso, porém, recompensador por poder ao menos dar uma ligeira ideia aos patricios da obra tão bela da natureza.

Na introdução de seu relato Muricy enfatiza o isolamento da colônia Militar da Foz do Iguaçu denominando-a como inóspito sertão. Território constituído de densa vegetação, armados de espinhos agudos resistentes. No entanto, possuidora de uma admirável flora e invejável fauna, rica e fértil terra, a declara como futuro do Paraná, e quiçá do Sul do Brasil. Constrói a sua narrativa inscrevendo suas percepções e sentimentos ambivalentes que podem se caracterizar com à noção romântica de sublime.

Em sua narrativa de viagem, Muricy confessa que mesmo com todo seu desejo de descrever minuciosamente a paisagem das cataratas do Iguaçu em sua narrativa, ele poderia somente proporcionar uma simples e rude descrição:

É esta, como disse, a primeira parte do panorama, que de outro ponto vê-se completo, a única a ser vista do lugar em que estávamos, e da qual não quisemos dar mais do que a simples e rude descrição do conjuncto que se chama, santos de Santa Maria. Temos infelizmente certeza de que por mais que nos esmeremos, nunca os recursos de que dispomos, serão suficientes para poder-mos dar sequer uma idéa do que é essa maravilha da natureza. (MURICY, 1892, p.32).

Neste trecho fica clara a preocupação de Muricy em descrever com veracidade as cataratas. Há alguns quilômetros ainda de distância das quedas, Muricy relata como tudo estremece com o forte estrondo das águas e seus repetidos ecos, soando como um longínquo trovão. Ao se aproximar ainda mais da paisagem das cataratas expressa o que avista e que se sente:

Uma carga electrica que tivesse nos passado pelo corpo, não produziria a mesma impressão que nos produzio o que vimos, quando os homens fizeram cahir uma grossa arvore, que na quéda acarretou grande rêde de cipós e o resto do matto que nos impedia de ver. Nunca tínhamos visto cousa igual, nem nunca ouvíramos fallar de obra tão admiravel da natureza, que houvesse panorama tão surprehendente como o que se estendia diante de nós. (MURICY, 1892, p.34).

Podemos observar como Muricy manifesta reverência diante da magnificência da paisagem. Externando um aspecto do sublime, procura através de sua fala demonstrar a sensação do que seria estar diante deste espetáculo. Buscando de alguma maneira conduzir ao leitor a esta sensação e apresentando de forma dramática, quase teatral sua percepção do panorama das cataratas. Segundo Naxara (2004) esta “aura de grandeza e mistério” habitou o imaginário e as grandes representações plásticas da natureza brasileira, tanto na escrita quanto na imagem no Século XIX.

Comprendemos que as narrativas dos viajantes que descreviam a natureza no século XIX estavam imbuídas de expressões sensíveis, pitorescas e poéticas no intuito de buscar levar ao leitor a sentir através de palavras a paisagem. Como as imagens das cataratas do Iguazu no final do século XIX eram escassas, foram as palavras sensíveis do narrador como um espelho que procurava refletir com veracidade a paisagem. Contudo, essa realidade começaria a se transformar a partir de fins da década de 1890 e início dos 1900. A invenção do cartão-postal na década de 1860 e a visita de fotógrafos às cataratas a partir de 1900 fez com os discursos sobre a paisagem passassem a ser constituídos também a partir das imagens.

Nesse sentido, as Figura 02 e 03 são uma amostra do que afirmamos acima, pois tratam-se de cartões-postais alusivos à festa de réveillon do ano de 1901, contendo como pano de fundo as Cataratas do Iguaçu.



FIGURA 2. Feliz Año Nuevo: República Argentina: Catarata del Iguazú
FONTE: Autoria desconhecida [1901]



FIGURA 3. Feliz Año Nuevo: República Argentina
FONTE: Autoria desconhecida [1901]

De maneira bem distinta dos relatos de viagens repletos de descrições minuciosas sobre a paisagem, os cartões-postais evidenciam visualmente a beleza dos saltos. Com isto, o cartão-postal adquire o status de “testemunho material” que satisfazia a curiosidade ao mesmo tempo que convidava à visita daqueles que os recebiam. Como observa Daltoso (2006, p. 26-27) “o cartão-postal teve [...] uma função absolutamente preponderante. Desde seus primeiros aparecimentos até sua presente atualidade, as imagens de vistas de cidades, paisagens e até obras de arte representaram e representam uma documentação informativa”. (DALTOSO, 2006, p.26-27).

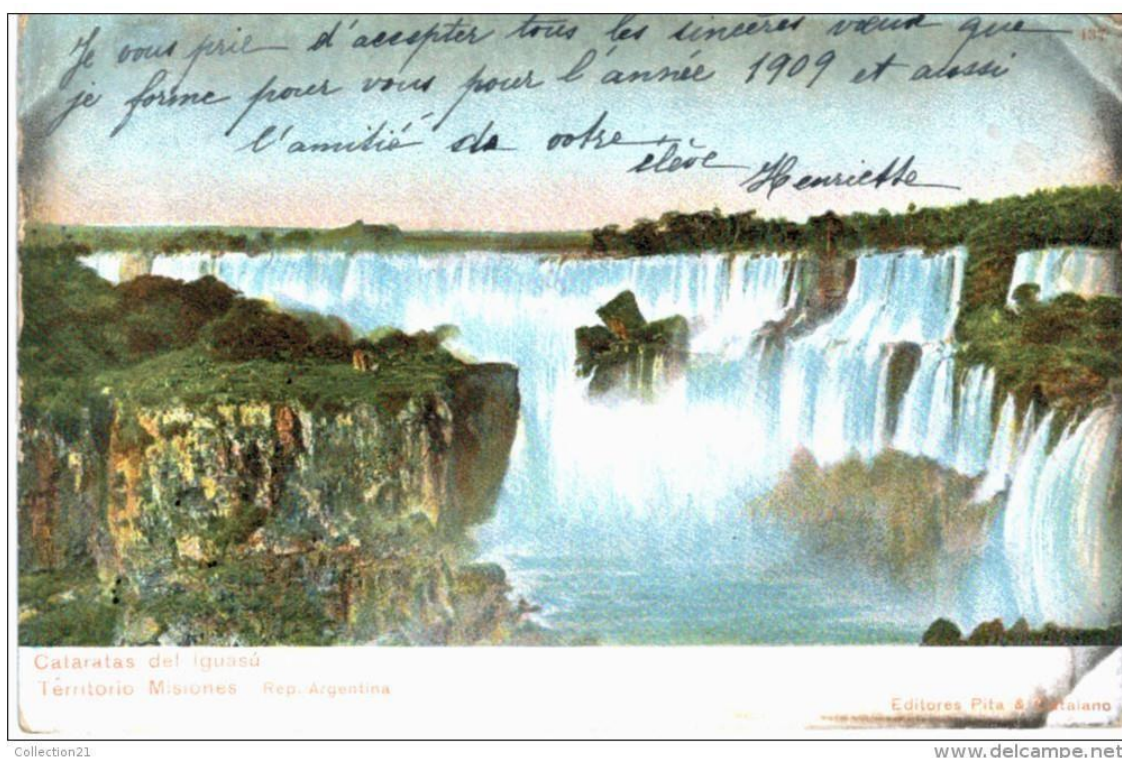


FIGURA 4. Cataratas del Iguazú – Territorio Misiones
FONTE: Editores Pita & Catalano [1909]

A Figura 04, como notamos apresenta uma litografia do panorama das cataratas, com uma dedicatória datada de 1º de novembro de 1910. Percebemos que tal como Muricy descreve em sua narrativa a admiração ao estar defronte por primeira vez diante das quedas, pressupomos que de igual maneira o litógrafo busca compor em seu trabalho artístico um panorama ascendente, demonstrando através da gravura à grandiosidade da paisagem, no intuito de levar ao que visualiza esta imagem a mesma sensação de quem lê o relato de um viajante; de se sentir diminuto diante tão bela obra da natureza.

Retornando ao relato de Muricy em torno da descrição das cataratas, para ele “a parte mais interessante de toda a viagem” o viajante prossegue no seu testemunho:

É impossível descrever-se o que um organismo nervoso, impressionável, experimenta no meio d'essa natureza excepcional. Esse complexo movimento externo, reflecte-se por todos os nossos sentidos postos em continuo, por tal modo no systema nervoso, que impressiona-o profundamente. Tudo vibra. Na cabeça sente-se um peso enorme; não se raciocina direito, como se as ideias se tivessem transformado em uma massa informe d'onde é difícil arrancá-las. Nos ouvidos forma-se um zunido ensurdecedor, que junto á enorme variedade de movimentos que a vista apanha, entontece-nos fazendo andar a cabeça á roda. (...) Quantas vezes quizesmos fugir, com receio das idéas que nos passavam pelo cérebro!... _ Se agora eu tivesse uma vertigem... se perdesse a razão e me precipitasse ... e muitas outras, como estas eram as extravagantes idéas, que varias vezes nos fizeram olhar para atraz, para ver se os companheiros estavam ali, promptos para nos agarrar caso cahissemos, ou quizessemos nos atirar do paredão abaixo (MURICY, 1892, p.35 e 36).

O “excepcional” espetáculo da natureza o impressiona profundamente, o impedindo de raciocinar. O som ensurdecedor que tudo faz vibrar, vertiginoso, o entontece, proporcionando ao narrador o temor das ideias que passam em sua mente, e se ele perdesse razão e se precipitasse, expressando subjetivamente o medo ao ser tentado ao suicídio, a ponto de olhar várias vezes a fim de avistar se os companheiros estavam por perto. Novamente nos fazemos valer de Naxara (2004, p.156) para demonstrar o quanto a descrição de Muricy se aproxima do conceito de sublime, pois, segundo ela, a natureza quando apresentada através de representações de assombro, terror, envolta em incertezas e confusões caracterizam princípios originários do sublime.

De acordo a Werneck (2006) a poética do sublime é aquela que apresenta a natureza indomável, o ambiente como hostil, podendo envolver o indivíduo em um sentimento de solidão e até mesmo conduzi-lo ao sentido trágico de sua existência. E foi justamente com sentimentos semelhantes a estes que Muricy finaliza sua obra, ressaltando uma vez mais a grande satisfação de poder proporcionar aos conterrâneos paranaenses ao menos ligeiras ideias e esboços a lápis sobre o belo e grandioso panorama das quedas, considerada por ele como a verdadeira joia de valor que mimoseou o estado do Paraná.

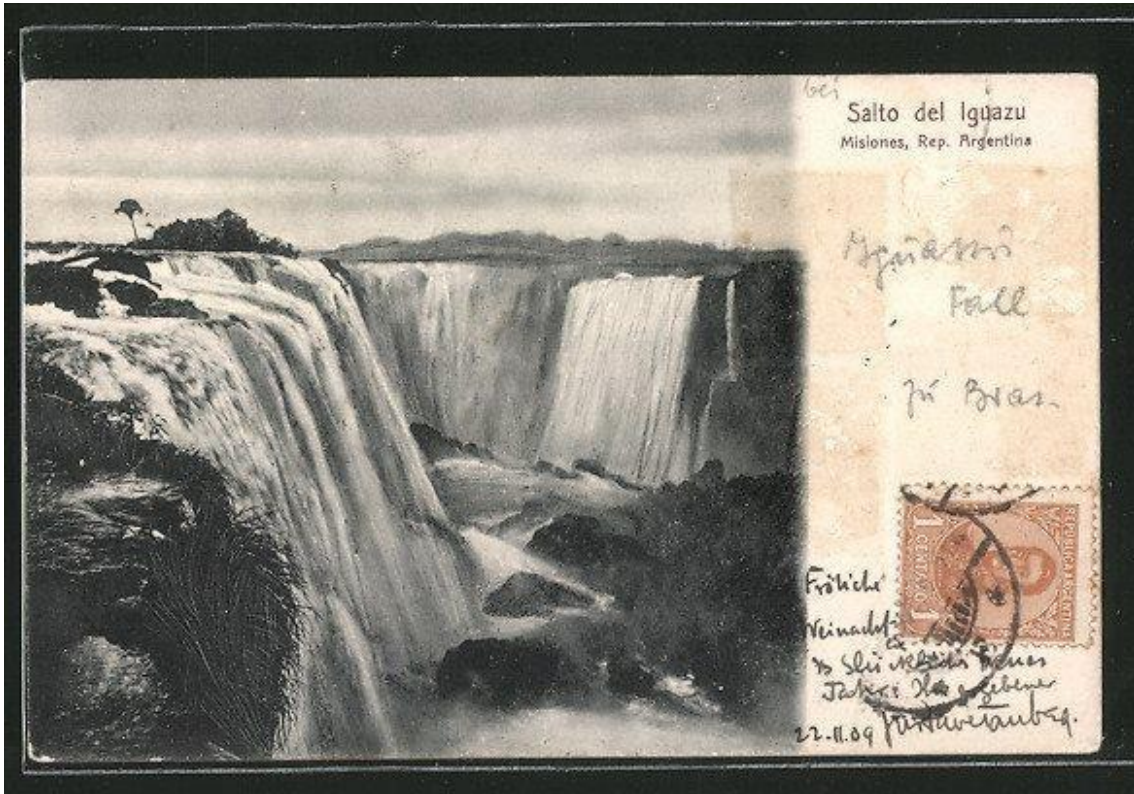


FIGURA 5. Salto del Iguazú – Territorio Misiones, Rep. Argentina
FONTE: Autoria desconhecida [1909]

De alguma forma, esta noção de sublime também é representada nos cartões-postais, como é o caso da Figura 04. No entanto, a estética do documento torna desnecessária a descrição assombrosa do abismo das quedas, por exemplo. Aqui, o remetente dialoga diretamente com a subjetividade do destinatário numa complexa trama discursiva que insere altura, água, pedra e queda. O sublime na imagem se desloca do narrador ou do fotógrafo para a memória daquele que envia e a sensibilidade daquele que o recebe.

Outra viagem de investigação e descobrimento que percorreu esta região foi a de Florencio de Basaldúa, basco e de cidadania argentina que passou neste local e por Misiones entre 1897 e 1898, contando com o apoio do Instituto Histórico Geográfico Argentino. Como resultado desta expedição foi publicada a obra *Presente, pasado y porvenir del Territorio de Misiones* (1901), no intuito de evidenciar e revelar nacionalmente e mundialmente as belezas naturais argentinas de Entre Rios, Corrientes e Misiones na Exposição Universal de Paris de 1900.

Entre as belezas naturais apresentadas estão as cataratas do Iguaçu, onde, Basaldúa procura atribuir ao seu relato cada sentimento, primeiramente sua sensação auditiva ao se aproximar das belas quedas:

Me detengo asombrado. Un rumor nunca oído, semejante al retumbar del trueno, ó al confuso estrépito de lejano cañoneo, sordo, prolongado, vibra en las ondas sonoras de la atmósfera. El suelo se extremece, y mi ser experimenta esa sensación pavorosa que acusa la flaqueza de la carne ante los espasmos de la Tierra, sacudida por la fuerza terrible de una explosión volcánica. (BASALDÚA, 1901, p.147).

Sentimentos como assombro, pavor e fraqueza é o que revela Basaldúa em sua descrição ao estar na presença da terrível força das águas das cataratas, caracterizando o som das quedas como uma explosão vulcânica. Detalhamentos que fogem de uma interpretação racional, se desenvolvem pelo narrador na busca de traçar minuciosamente a paisagem. Como atenta Naxara ao escrever sobre a forma como a natureza impressionava os viajantes do Século XIX, “os homens lançaram mão da palavra, do desenho e da pintura, como formas de alcançar o conhecimento e garantir a memória; como maneira de expressar, guardar e transmitir as impressões vivenciadas na sua relação com o mundo natural”. (NAXARA, 2004, p.148).

Semelhantemente, Basaldúa manifesta em sua narrativa o desejo de que suas percepções se eternizem na memória e na história ao aludir em seu texto que o homem aspira à imortalidade. “El deseo de eternizarse es el motor – á veces inconsciente”. Segundo ele, o que diferencia um homem são os traços de heroísmo e a aspiração de perpetuar na terra suas obras. A imortalidade emerge em seus escritos na forma como descreveu historicamente as cataratas.

Mediante a grandiosidade das cataratas do Iguaçu, Basaldúa relata que permaneceu por dias, horas e semanas inteiras contemplando o panorama, onde não havia palavra sonora nem expressão clara capaz de descrever tamanha beleza. Todavia, o narrador a denota como deusa radiante de mil arco-íris, de águas mais brilhantes e puras que o próprio cristal, que nos deleita com milhares de orquídeas, mariposas e aves, certificando que:

La fotografía es pálida sombra de aquel océano de luz y de colores; la pintura misma, animada por el genio del artista, no da al cuadro la vida que palpita lujuriosa en todo cuanto miro”. (BASALDÚA, 1901, p.151).

O contato com a natureza exuberante e esplendorosa exerce o assombro e proporciona sensações vinculadas ao belo, mas uma beleza que causa impressão profunda e o sublime, aquele que causa espanto. Nem as palavras escritas ou sonoras, nem a fotografia demonstraria a veracidade da paisagem segundo o viajante. Desta maneira, Basaldúa se esforça em descrever com o maior número de detalhes possíveis o que esta sentindo e vivenciando, no intuito de através da narrativa expor seus sentimentos. Inferir que a fotografia não seria suficiente para expressar a paisagem das cataratas consideramos de certa maneira uma redundância e um exagero retórico de Basaldúa.

Isto porque, simultaneamente a este período, já havia uma considerável reprodução de cartões-postais das cataratas do Iguaçu. Proporcionando uma nova experiência, conhecimento e a contemplação desta paisagem através da imagem, não somente por relatos. Através do relato o leitor buscava imaginar a paisagem descrita em palavras, já com o cartão-postal seria como colocar as vistas do destinatário a concretização desta imagem tal como é. Os cartões-postais assumem assim como os relatos no final do século XIX uma postura romântica e sensível, tendo como objeto final tornar conhecidos lugares e guardar uma memória de um mundo até então desconhecido por imagens. E, assim como os relatos, estes cartões-postais estabelecem uma identidade nacional através da paisagem, permitindo que a região fosse identificada pela paisagem das Cataratas do Iguaçu.

De acordo a Masotta (2007) o ano de 1900 foi um momento de transição na Argentina. Da escuridão a luz, as imagens tornaram como nunca antes territórios nacionais objeto de olhar público. E os cartões-postais que reproduziam paisagens passaram a ocupar um lugar relevante no que o autor intitula “processo de encantamiento”. O encantamento neste caso passa a ser compartilhado por meio da imagem, de sentimentos e de memória, como podemos observar no exemplar da Figura 05.



FIGURA 6. Gran Salto del Iguazú
FONTE: Editor R. Rosauer [1903]

Embora o destaque do cartão-postal retratado na Figura 05 seja o da paisagem, não há como apagar o que é a finalidade do cartão-postal que é o encontro com o destinatário a partir da paisagem e da memória. Pelo visto, o remetente deste postal o encaminhou para alguém que já conhecia as Cataratas do Iguazú, talvez aquele (a) cujo encantamento despertou a curiosidade ou o desejo do remetente visitar as cataratas. Aqui é possível perceber o efeito da notícia e do conselho de conhecer as quedas do Iguazú, pois há o registro disso na fonte. Este é um fato que o postal é capaz de mostrar de forma clara a partir da pergunta inscrita no lado superior esquerdo da imagem: “Andastes por este lado?”. Este é um retorno que o relato de viagem não nos proporciona.

CAPÍTULO 3

CATARATAS DO IGUAÇU COMO “O PARAÍSO DO ASSOMBRO”

No ano de 1903, outro importante registro de viagem às cataratas foi publicado como parte da obra *Pela Fronteira* de Domingos Nascimento. Militar republicano, Nascimento era natural de Guaraqueçaba – PR onde nasceu no dia 31 de maio de 1862. Aos 32 anos, ingressou na carreira política elegeu-se deputado no Congresso Legislativo do Paraná. Dedicou-se também ao jornalismo, à poesia e prosa, é o autor do hino do Estado do Paraná. Morreu em 30 de agosto de 1915 deixando obras ligadas à literatura e à educação infantil paranaense.

Segundo Karam (2003), no livro supracitado Nascimento fez anotações históricas, humanas e fisiográficas a partir de sua viagem que durou 103 dias pelo oeste paranaense em companhia do General Borman e de Coronel Lino Ramos. No dia 19 de dezembro de 1903, data em que se comemorava o cinquentenário da emancipação política do Paraná, *Pela Fronteira* foi apresentado e premiado pela Sociedade Estadual de Agricultura do Paraná.

Para Karpinski (2011), esta obra é considerada rica e densa porque objetivou constituir a paisagem sertaneja da fronteira oeste. Segundo o mesmo autor, além da paisagem física, Nascimento caracterizou a paisagem social da região registrando, de forma bastante crítica, a situação política, social e econômica da então “Colônia Militar da foz do Iguassú”.

Nascimento recebeu uma educação privilegiada para a época, estudando em outros estados e influenciado pelo espírito romântico da sua época. No Século XIX, quem desejava seguir a carreira militar recebia uma educação bastante rígida. De acordo com Alves (2006, p.), essa “[...] atividade profissional [...] exigia um compromisso prático com os conhecimentos científicos”. Por isso, os militares eram intelectuais que recebiam em sua formação instruções intensivas e densas acerca de artes, filosofia e política. Isso explica a forma narrativa destes autores que se assemelha à escrita literária ou romance. Muitas vezes, suas obras incluíam até mesmo o uso técnicas de pintura de

paisagem. De acordo a Alves (2006) a escola militar foi determinante na instrução intelectual no período final do Império e do início da República.

Enviado pelo “Commando do Distrito”, para inspecionar a colônia militar, Nascimento inicia sua obra dizendo ser antigo o interesse que tinha de conhecer a região oeste do Paraná. Segundo ele, devido ao seu difícil acesso o território era conhecido por ser impenetrável, um mistério de solidões e trevas, de abismos e assombros. Contudo, se que não fosse suficiente estar cumprindo um dever moral, foi recompensado “em haver beijado um dia o espelho crystallino das águas do Paraná”. (NASCIMENTO, 1903, p.II).

De regresso a Curitiba, Nascimento vivencia recordações e sente que algo abate suas forças oprimindo seu peito e espírito ao se recordar dos abismos que teve que transpor para vencer os longos caminhos que davam ao “Paraiso do Assombro, com todas suas tintas fortes de pontes rubros, com toda essa infernal orchestra de lenções d’agua se precipitando extranhamente horrissonos”. (NASCIMENTO, 1903, p.II).

Como o autor mesmo enfatiza, depois de vários dias de difícil percurso na viagem, era chegada a hora de assistir com os seus próprios olhos “o desenrolar desse magestoso scenario [...] vastos e mysteriosos scenarios das cataractas”. (NASCIMENTO, 1903, p.127).

Diante dos saltos, Nascimento declara:

A linguagem humana, por mais severa que fosse em sua narrativa, floreios raros de gymnastica litteraria que empregasse, não ousaria exprimir o que os olhos fére e o espírito perturba, em contemplando a grandiosidade das nossas riquezas, que como joias intactas permanecem ocultas para os lados oeste de nossa terra. (NASCIMENTO, 1903, p.II).

Adotando em sua narrativa expressão semelhante de Muricy (1892, p.35-36) que havia declarado “É impossível descrever-se o que um organismo nervoso, impressionavel, experimenta no meio d’essa natureza excepcional”. E também de Basaldúa (1901, p.151) quando sublinhou: “La fotografia es pálida sombra de aquel oceáno de luz y de colores”. Nascimento, assim como os narradores citados, também realçou em seus escritos uma natureza grandiosa a ponto de ser indescritível e inimaginável, reafirmando em torno das cataratas uma construção sublime, envolvendo o exagero, exaltação e submissão.

Tal como podemos observar no cartão-postal abaixo, a exaltação das cataratas através do modo em que foi composto pelo litógrafo: rodeado de uma densa mata as águas cristalinas que emergem do Rio Iguazu abundam por entre os negros rochedos, recriando uma paisagem com características primitivas e selvagens. Desenhado de maneira ascendente, esta imagem pode aguçar sentimentos ao destinatário o levando a imaginar o som das águas, ou a brisa que se sentiria diante desta paisagem.

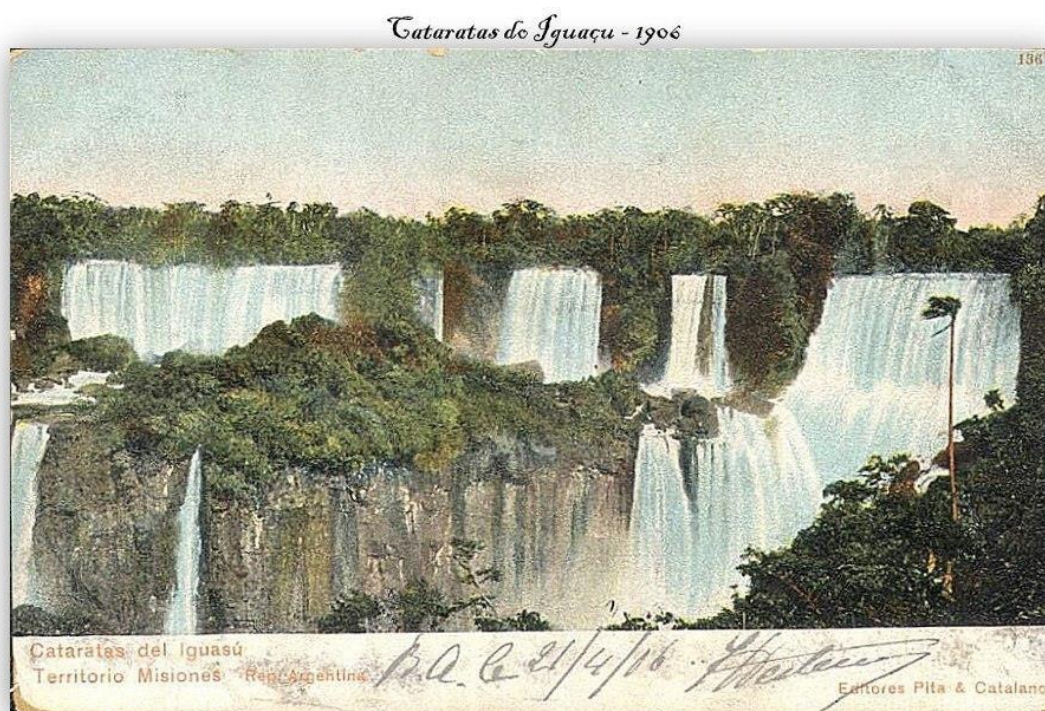


FIGURA 7. Cataratas del Iguazú – Territorio Misiones
FONTE: Editores Pita & Catalano [1906]

De acordo a Schapochnik (2006) as imagens postais permitiram uma viagem virtual, transferindo o sentido do “eu li” para “eu vi”. Permitindo uma maior apropriação da paisagem e fortalecimento de vivência, o sujeito em posse do cartão poderia desbravar novos mundos antes desconhecidos. Assim como o relato de viagem, o cartão-postal passa a interagir nessa construção da paisagem.

A alusão aos sentidos era já uma estratégia dos relatos. Tanto os que já vimos acima quanto este de Nascimento que enfatiza o primeiro contato que teve com as cataratas que foi o som produzido pelas quedas. No tocante aos seus sentidos, ele revela primeiramente o som, depois a visão e por fim o toque.

Mas a 3kilometros do centro da matta, de repente, uma orchestra infernal de urros de feras irrompe, apavorando o neophyto que pela primeira vez se aproxima daquellas provas de kabalismo tropical, em toda a sua ampla e intensa brutalidade estertorante, e onde elle deve

penetrar impellido por forças estranhas, olhos forrados pela cegueira dos deslumbramentos. (NASCIMENTO, 1903, p.132).

Uma marca na narrativa de Domingos Nascimento se dá em torno de elementos contraditórios que ele usa em sua construção discursiva. Karpinski (2011, p.186) já destacou que entre o infernal e divino, o bruto e o suave, o horror e o deslumbre, Nascimento buscou descrever o indescritível. Segundo o mesmo autor, narrando sua experiência sensorial, Nascimento lança uma espécie de desafio para aqueles que não conhecem as quedas: “ver com seus próprios olhos”.

Entendemos que este desafio também está presente nas imagens dos postais das cataratas divulgadas no mesmo período. Nas Figuras 07 e 08 podemos observar o cuidado dos seus autores em desenhar a paisagem e seu movimento minuciosamente. Litografias compostas como obras de arte, tinham como intuito induzir comportamentos e condutas.

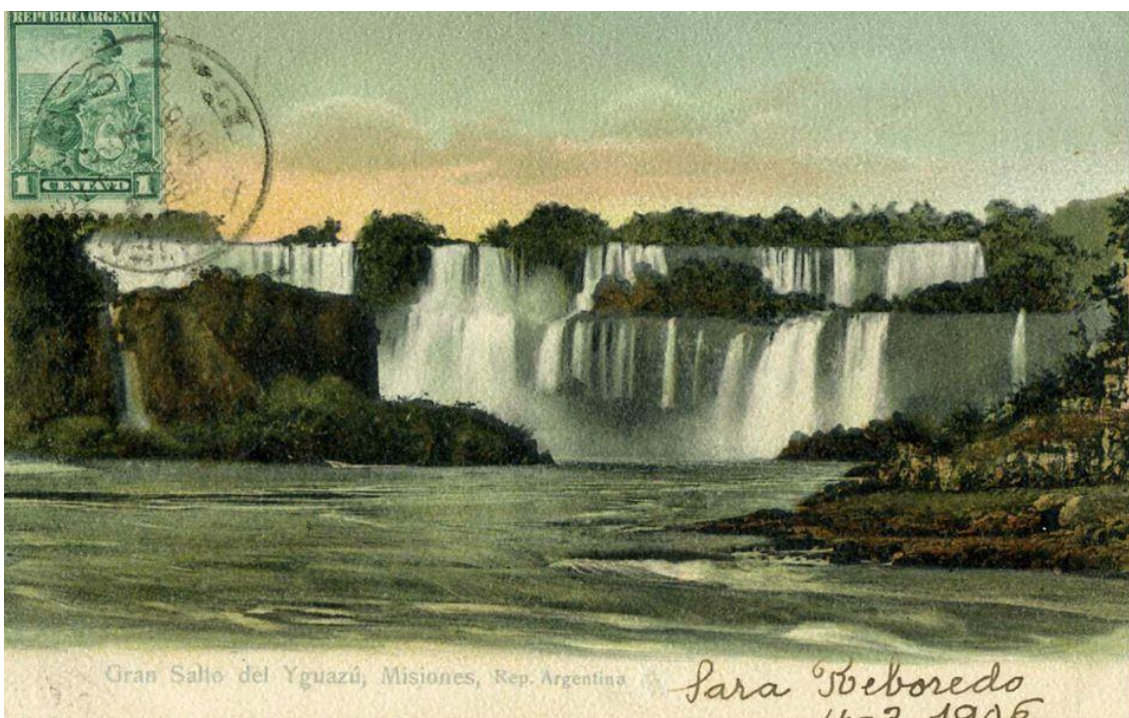


FIGURA 8. Gran Salto del Iguazú –Misiones
FONTE: Autoria desconhecida [1906]

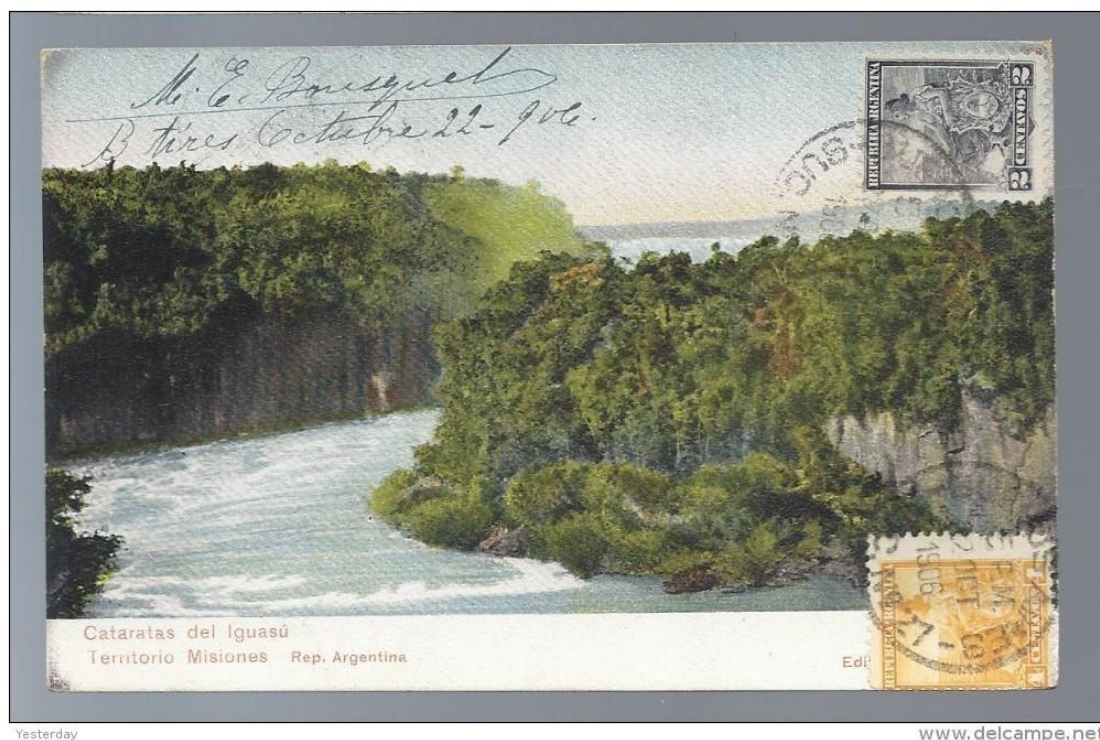


FIGURA 9. Cataratas del Iguazú – Territorio Misiones
FONTE: Autoria desconhecida [1906]

De acordo com Schapochnik (2006, p.427), o postal é composto por um trabalho minucioso na descrição da paisagem para conquistar o olhar do viajante. Ademais, segundo o autor, os cartões-postais proporcionam um “mapa com a geografia das nossas lembranças”, já não era mais necessário ao indivíduo recorrer a ler um relato para trazer de volta a lembrança, mas somente recorrer à imagem para que “as centelhas do passado” retornassem.

De regresso a narrativa, Nascimento, no intuito de ver o panorama por completo das cataratas, descreve que se debruça sobre um despenhadeiro e se agarra à árvores, numa atitude ousada que confere à narrativa uma de suas alusões mais fortes.

Mas eu preciso descortinar alguma cousa mais; até aqui contemplo essa maravilha, a distancia de 1 kilometro, em terra firme, ainda que o solo estremeça em trepidações constantes como abalado de continuo por forte terremoto. (...) Desço a collina e contorno os precipicios. Vou á borda do abysmo, quero sentir os efeitos dessa atração irresistivel, e se possível fosse... (NASCIMENTO, 1903, p.133).

O narrador neste momento se sente tentado, assim como vimos no relato de Muricy anteriormente: “Quantas vezes quizemos fugir, com receio das idéas que nos passavam pelo cérebro!...” (MURICY, 1892, p.35). O deslumbre de Nascimento diante das quedas foi tanto que confessa “e se possível fosse...”. Novamente é um discurso

pautado no sublime, cujos sujeitos da narrativa se sentem tentados subjetivamente a se lançar junto às águas no precipício.

O que Nascimento incute em narrativa se vê representado no cartão-postal da Figura 09. A imagem retrata o ponto mais alto das quedas, o que se considera o mais fantástico salto das Cataratas do Iguazu que cai direto na Garganta do Diabo.



FIGURA 10. El Salto “La Garganta del Diablo”
FONTE: Autoria desconhecida [190?]

É curioso como a relação com este espaço constitui sensibilidades diversas ao longo do tempo. Este ponto retratado tanto nos relatos quanto no postal acima, é o local mais procurado pelos turistas. Todos querem se aproximar ao máximo da “Garganta do Diabo”. Se em suas narrativas Muricy e Nascimento confessam o lampejo de um pensamento suicida, atualmente este mesmo local já foi cenário de diversos suicídios. Dados de um site de noticiário argentino mostram que, desde 1998, pelo menos um suicídio ocorre por ano, sendo que em alguns períodos ocorrem até mais. (PREOCUPANTE, 2016).

Semelhantemente ao que o narrador quis impregnar através de sua narrativa, os litógrafos e fotógrafos fizeram através das imagens e dos cartões-postais. A manifestação de elementos estéticos do sublime e do pitoresco, através de traços dramáticos, que expressavam com excesso a grandiosidade, a força e o poder das águas das cataratas, podendo transbordar sentimentos de assombro e submissão. É importante

ressaltar que os criadores das imagens das paisagens se preocupavam em enquadrar ângulos em que pretendiam que fossem vistos. (SCHAPOCHNIK, 2006, p.426).

Nesta narrativa é perceptível como Nascimento pode vislumbrar cada salto e caracterizar suas particularidades inerentemente ao discurso sensorial. Neste encontro com a paisagem, passando ao leitor em sua obra o que se sentia diante das cataratas. Demonstrando o quanto este encontro com as quedas afetou seu corpo, sua imaginação, sua atenção, alterando assim sua escrita, conduzindo esta ao exagero nos adjetivos e contradições. Sua postura é como de um poeta que busca declamar em prosa ou verso, este espaço segundo ele maravilhoso e assombroso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho desenvolvemos uma discussão sobre como se deu a transição do discurso escrito para o imagético na história da paisagem “Cataratas do Iguazu” no final do século XIX.

No primeiro capítulo procuramos demonstrar como esta categoria de fonte: as narrativas dos viajantes estrangeiros ou nativos foram importantes na constituição da percepção e concepção da paisagem brasileira, podendo ser consideradas como uma forma de conhecimento de um período e não somente uma forma de revelar descobertas e particularidades de um território. Neste sentido, seus símbolos e representações contribuíram para compor o imaginário da sociedade.

No segundo capítulo trazemos relatos de um viajante brasileiro, Muricy e um argentino, Basaldúa, e os cartões-postais das cataratas do Iguazu com as datas mais antigas que encontramos. Sobre estas fontes, procuramos problematizar a fonte escrita e imagética, no intuito de demonstrar como havia uma disputa desta paisagem de fronteira. As falas destes viajantes que descreveram as cataratas estavam construídas sobre uma linguagem romântica e sublime, tal como percebemos semelhantemente nos cartões-postais.

Em nosso terceiro capítulo, trouxemos o relato de viagem de Domingos do Nascimento e sua descrição das cataratas, procurando dialogar com os cartões-postais deste mesmo período que divulgaram esta paisagem. Neste diálogo entre fontes escritas e imagéticas procuramos demonstrar as representações em torno desta paisagem, sublinhando que tanto o relato como as imagens dos postais das cataratas lançavam um convite à visita para aqueles que não conheciam as quedas.

Com o que foi apresentado nestes capítulos, cumprimos o objetivo principal de demonstrar esta transição do relato escrito para o imagético em torno das Cataratas do Iguazu em fins do século XIX. Contudo, tivemos dificuldade em avançar nas questões teóricas o que requer um aprofundamento em novas pesquisas,

Como resultado, reafirmamos a importância dos relatos de viagens na construção da paisagem das Cataratas do Iguazu. Além disso, a inserção dos cartões-postais deram originalidade à pesquisa, o que pode aumentar o interesse de estudantes e profissionais do turismo realizar outras pesquisas com o auxílio desta fonte.

Outra contribuição que acreditamos que a pesquisa proporcionou foi o levantamento de cartões-postais (1901 -1910), que resultou num catálogo de 24 documentos. Estes dados ficam registrados no Apêndice “A” para prosseguimento e aprofundamento desta pesquisa envolvendo questões de paisagem e fronteira.

REFERÊNCIAS

FONTES – RELATOS DE VIAGEM

BASALDÚA, Florencio de. *Pasado – Presente – Porvenir del Territorio Nacional de Misiones*, La Plata, 1901.

MURICY, José Cândido da Silva. *À Foz do Iguassú – Ligeira Descrição de uma Viagem Feita de Guarapuava à Colônia da Foz do Iguassú Em Novembro de 1892*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1896.

NASCIMENTO, Domingos Virgilio do. *Pela fronteira*. Curitiba: Typ. d' A Republica, 1903.

FONTES – CARTÕES-POSTAIS

FELIZ Año Nuevo: República Argentina: Catarata del Iguazú. [S.l.]: [s.n.], [1901]. 1 cartão-postal p&b.

FELIZ Año Nuevo: República Argentina: Catarata del Iguazú. [S.l.]: [s.n.], [1901]. 1 cartão-postal p&b.

CATARATAS del Iguazú – Territorio Misiones. [Buenos Aires]: Editores Pita & Catalano, [1909]. 1 cartão-postal p&b.

SALTO del Iguazú – Territorio Misiones, Rep. Argentina. [S.l.]: [s.n.], [1909]. 1 cartão-postal p&b.

GRAN Salto del Iguazú. [Buenos Aires]: R. Rosauer, [1903]. 1 cartão-postal p&b.

CATARATAS del Iguazú – Territorio Misiones. [Buenos Aires]: Editores Pita & Catalano [1906]. 1 cartão-postal p&b.

GRAN Salto del Iguazú. [S.l.]: [s.n.], [1906]. 1 cartão-postal p&b.

CATARATAS del Iguazú – Territorio Misiones. [S.l.]: [s.n.], [1906]. 1 cartão-postal p&b.

EL SALTO “La Garganta del Diablo”. [S.l.]: [s.n.], [190?]. 1 cartão-postal p&b.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, C. Formação militar e produção do conhecimento geográfico no Brasil do século XIX. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona, v. X, n. 218 (60), 2006, obra não paginada. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-60.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2017.
- AMARAL, M. B. Histórias de viagem e a produção cultural da natureza: a paisagem do Rio Grande do Sul segundo os viajantes estrangeiros do século XIX. 2003. 339 f. Tese (Doutorado em Educação)– Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3646>>. Acesso em: 09 de mai. 2017.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Visitação em Foz do Iguaçu tem aumento de 38%. **Portal do Brasil**. Brasília, 12 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/turismo/2015/03/visitacao-em-foz-do-iguacu-tem-aumento-de-38>>. Acesso em 20 jun. 2017.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e imagem**. Bauru –SP: EDUSC, 2004.
- BURTON, Richard F. **The Highlands of the Brazil**. v. I. Londres: Tinsley Brothers, 1869. Disponível em: <<https://archive.org/stream/explorationshig02burtgoog#page/n111/mode/2up>>. Acesso: 09 de maio 2017.
- CORRÊA, M. S.; ALDÉ, L. **Meu vizinho, o Parque Nacional do Iguaçu**. 2. ed. Cascavel: Tuicial, 2014.
- DALTOZO, J. C. **Cartão-Postal, Arte e Magia**. Presidente Prudente: Gráfica Cipola, 2006.
- DUPERREY, L. I. Voyage autour du monde, exécuté par ordre du Roi, sur la Coruette de Sa Majesté, La Coquille, pendant les années 1822, 23, 24 et 25, sous le Ministère de SE.M. le Marquis de Clermont Tonnerre, et publié sous les auspices de Son Excellence M. Le C te. De Chabrol, Ministre de la Marine et des Colonies. In. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos Séculos XVIII e XIX**. Florianópolis: [s.d], 1979. p.263-281.
- KARAM, P. R. **Domingos Virgílio do Nascimento: antologia e biografia**. Curitiba: [s/d], 2003.
- KARPINSKI, C. **Navegação, cataratas e hidrelétrica: discursos e representações sobre o rio Iguaçu (1853 – 1969)**. 375f. Tese (Doutorado em História)– Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.
- _____.; GALLI-MATIAUDA, D. I. Paisagem e fronteira nas questões territoriais entre Argentina e Brasil (1860-1914). **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v.10, n.17, p.72-85, 2017. Disponível em:

<<http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/321/297>>. Acesso: 19 jun. 2017.

_____.; RODRIGUES-ESPINOSA, M. "Colônia Militar de Foz do Iguaçu" e a história da Cidade de Foz do Iguaçu. **Ágora: Revista do Curso de Arquivologia da UFSC**, Florianópolis, v.26, n.56, p. 81-107, 2016. Disponível em: <<https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/643/pdf>>. Acesso em 19 jun. 2017.

KLANOVICZ, J.; ARRUDA, G.; CARVALHO, E.B. **História ambiental no sul do Brasil: Apropriações do mundo natural**. São Paulo: Alameda, 2012.

LEAL, O. **Viagem às Terras Goyanas: Brazil Central**. Lisboa: Typographia Minerva Central, 1892.

MAAK, R. Geografia física do Estado do Paraná. 20. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

MASOTTA, C. **Paisajes en las primeras postales fotográficas argentinas del S. XX**. Buenos Aires: La Marca Editora, 2007.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996.

NAXARA, M. R. C. **Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX**. Brasília: EdUnB, 2004.

NEW 7 Wonders Of Nature. **Iguazu Falls: waterfalls in Brazil and Argentina**, [S/l], [s/d]. Disponível em: <<https://nature.new7wonders.com/wonders/iguazu-falls-argentina-and-brazil/>>. Acesso em: 20 jun. 2017

NODARI, M. Z. R. **As contribuições do turismo para a economia de Foz do Iguaçu**. 2007. 97 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico)– Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007. Disponível em: <http://www.economia.ufpr.br/Teses_Doutorado/Maria_Zenaide_Ricardi_Nodari.pdf>. Acesso em: 13 maio 2017.

PRADO, M. Ligia Coelho. **A América Latina no Século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Edusp; Bauru: EDUSC, 1999.

PREOCUPANTE reiteración de suicidios en Cataratas. **Misionescuatro.com**. Posadas, 21 jun.2016. Disponível em: <<https://misionescuatro.com/provinciales/preocupante-reiteracion-suicidios-cataratas/>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

SCHAMA, S. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996;

SCHAPOCHNIK, N. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In. SEVCENKO, N.; NOVAIS, F A. **História da vida privada no Brasil: República: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.423-512.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. História das paisagens. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 203-216.







UNESCO. **Word Heritage List**: Iguazu National Park. 1986. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/355>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

WERNECK, M. O belo e o sublime românticos nas paisagens de mundos virtuais on-line. **Arte e ensaio**. Rio de Janeiro, n.13, p.29-34, 2006. Disponível em: <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae13_martha_wernerck.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2017.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

APÊNDICE A



Resultado das atividades de pesquisa relacionadas ao levantamento, catalogação e digitalização de Cartões Postais sobre as Cataratas do Iguaçu publicados/circulados entre 1901 e 1910.

 <p style="text-align: center;">Cataratas del Iguazú - [1901?]</p>	<p style="text-align: center;">REPÚBLICA ARGENTINA. Território de Misiones – Dedicatória. [S.l]:[s.e], [1901?]. 1 cartão-postal p&b.</p>	 <p style="text-align: center;">Cataratas del Iguazú - [1901]</p>	<p style="text-align: center;">REPÚBLICA ARGENTINA. Território de Misiones – Catarata del Iguazú [S.l]:[s.e], [1901]. 1 cartão-postal color.</p>
 <p style="text-align: center;">El Salto del Iguazú – [1901]</p>	<p style="text-align: center;">REPÚBLICA ARGENTINA. Território de Misiones – Catarata del Iguazú [S.l]:[s.e], [1901]. 1 cartão-postal color.</p>	 <p style="text-align: center;">Cataratas Del Iguazu – [1901?]</p>	<p style="text-align: center;">REPÚBLICA ARGENTINA. Território de Misiones – Dedicatória. [S.l]:[s.e], [1901?]. 1 cartão-postal p&b.</p>
 <p style="text-align: center;">Salto Iguazu – Misiones [1902]</p>	<p style="text-align: center;">REPÚBLICA ARGENTINA. Território de Misiones – El Salto del Iguazú. [S.l]:[s.e], [1902]. 1 cartão-postal p&b.</p>	 <p style="text-align: center;">Cataratas Del Iguazu – [1902]</p>	<p style="text-align: center;">REPÚBLICA ARGENTINA. Território de Misiones – Catarata del Iguazú [S.l]:[s.e], [1902]. 1 cartão-postal p&b.</p>

 <p>Salto Del Iguazu [1903]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones – Salto del Iguazú</i> [S.I]: Editor R. Rosauer, Buenos Aires, [1903]. 1 cartão-postal p&b.</p>	 <p>Gran Salto Del Iguazu [1903]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones – Gran Salto del Iguazú.</i> [S.I]: Editor R. Rosauer, Buenos Aires, [1903]. 1 cartão-postal p&b.</p>
---	---	---	---

 <p>Gran Salto Del Iguazu [1904]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones – Gran Salto del Iguazú.</i> [S.I]: Juan S Russo - Paseo de Julio 382, [1904]. 1 cartão-postal p&b.</p>	 <p>Cataratas Del Iguazu [1904]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones – Gran Salto del Iguazú.</i> [S.I]: Juan S Russo - Editor R. Rosauer, Buenos Aires, [1904]. 1 cartão-postal p&b.</p>
--	---	---	--


 <p>Cataratas Del Iguazu -[1904]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones – Dedicatória.</i> [S.I]:[s.e], [1904]. 1 cartão-postal p&b.</p>	 <p>Cataratas Del Iguazu – [1904]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones. Cataratas del Iguazu.</i> [S.I]: Editor R. Rosauer, Buenos Aires, [1904]. 1 cartão-postal p&b.</p>
--	--	--	---

 <p>Cataratas Del Iguazu – [1904]</p>	<p>REPÚBLICA BRASILEIRA. – <i>Catarata del Iguazú</i> [S.l]:[s.e], [1904]. 1 cartão-postal p&b.</p>	 <p>El Salto del Iguazu – Misiones [1905]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones – El Salto del Iguazú.</i> [S.l]: Juan S Russo - Paseo de Julio 382, [1905]. 1 cartão-postal p&b</p>
--	---	---	--

 <p>Cataratas Del Iguazu – [1905]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones – Cataratas del Iguazú-Salto Lanus.</i> [S.l]: J. Peuser, Buenos Aires, [1905]. 1 cartão-postal color.</p>	 <p>Cataratas del Iguazu – Misiones [1906]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones – Cataratas del Iguazú.</i> [S.l]: [s.e], [1906]. 1 cartão-postal color.</p>
---	--	---	--

 <p>Cataratas Del Iguazu – [1906]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones – Cataratas del Iguazú.</i> [S.l]: Editores Pita & Catalano, [1906]. 1 cartão-postal color.</p>	 <p>El Gran Salto del Iguazu – Misiones [1906]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Territorio de Misiones – El Gran Salto del Iguazú.</i> [S.l]: [s.e], [1906]. 1 cartão-postal color.</p>
--	---	--	--

 <p>Cataratas Del Iguazu – [1906]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Território de Misiones – Cataratas del Iguazú.</i> [S.I]: Editores Pita & Catalano, [1906]. 1 cartão-postal color.</p>	 <p>El Gran Salto del Iguazu – Misiones [1907]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Território de Misiones – El Gran Salto del Iguazú.</i> [S.I]: Editor R. Rosauer, Buenos Aires, [1907]. 1 cartão-postal p&b.</p>
---	---	---	--

 <p>Salto Iguazu – [1908]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Território de Misiones – Salto Iguazú.</i> [S.I]: J.Peuser, Buenos Aires [1908]. 1 cartão-postal color.</p>	 <p>El Salto del Iguazu – Misiones [1909]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Território de Misiones – El Salto del Iguazú.</i> [S.I]: [s.e], [1909]. 1 cartão-postal p&b.</p>
---	--	--	---

 <p>El Salto Del Iguazu – [1909]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Território de Misiones – El Salto del Iguazú.</i> [S.I]: Editores Pita & Catalano, [1909]. 1 cartão-postal color.</p>	 <p>Cataratas del Iguazu – Misiones [1910]</p>	<p>REPÚBLICA ARGENTINA. <i>Território de Misiones – Cataratas del Iguazú.</i> [S.I]: Editores Pita & Catalano, [1910]. 1 cartão-postal color.</p>
--	--	---	---